

“SER MULHER, SER TERRITÓRIO PRÓPRIO”: ARTICULAÇÕES ENTRE A COLETIVA MULHERES DA QUEBRADA - BH, A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E O FEMINISMO NEGRO

XXIII Encontro da ABRAPSO Minas - Psicologia Social Crítica e interseccionalidade: violências, resistências e perspectivas, 23ª edição, de 20/04/2023 a 22/04/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-029-8

GONZAGA; Paula Rita Bacellar¹, CARVALHO; Karla de Paula², FRANÇA; Keren Clementina Martins³, MONTANARI; Ágnes Souza Montanari⁴, SANTOS; Jessyca Cristina Dos⁵

RESUMO

Pretendemos apresentar reflexões a partir do projeto de extensão “*Ser Mulher, Ser Território próprio*”: *Articulações entre a Coletiva Mulheres da Quebrada - BH, a Psicologia Comunitária e o Feminismo Negro*. Compreendemos que o Brasil é um país estruturalmente racista, patriarcal e classista, no qual se entrecruzam opressões sócio-históricas que marginalizam, silenciam e exterminam corpos e subjetividades negras, indígenas e de outros povos não brancos (Gonzaga, 2019). Isso reflete na produção de conhecimento e na atuação profissional da psicologia, reiterando as micro e macroagressões ao deslegitimar as vivências e contribuições das comunidades e das maiorias populares como um todo (Oliveira et al, 2019; Martín-Baró, 1997). A proposta do projeto busca articular o saber dos Movimentos Sociais e da Psicologia Social Comunitária através do Feminismo Negro, que nos dá aporte teórico para os encontros *abebénicos* (Gonzaga, 2019). Gonzaga (2019) propõe essa metodologia a partir de uma leitura afro-diaspórica do simbolismo do espelho de Oxum, que possibilita a troca entre sujeitas que se percebem semelhantes ainda que em posições diferentes, produzindo, assim, aproximações, interpretações e análises em que interlocutoras e pesquisadoras se vêm atravessadas por marcadores sociais modernos/coloniais. O efeito de espelho infinito permite que nos vejamos umas nas outras pela égide da dororidade, gerando confiança, dissolução das hierarquias e construção de uma ciência sócio-histórica e politicamente localizada (Gonzaga, 2019). Logo, ressaltamos que não há pretensão de realizar um trabalho epistêmica ou politicamente neutro, pois, como defende Mayorga (2014), a interseccionalidade impele a explicitar quais problemas, por quais caminhos e quais sujeitos estão colocados na práxis. A importância deste movimento, portanto, é o de centralizar a racialidade e demais relações de poder (gênero, classe, capacitismo e LGBT+fobia) como forma de organização coletiva de mobilização contra as violências desumanizantes. É nesse propósito que a ColetivA surge, a partir da potência de lideranças comunitárias locais, que posicionam afirmativamente a identidade da mulher preta e periférica para elaborar coletivamente opressões interseccionais (Montanari & Gonzaga, 2022; Crenshaw, 2002), criando estratégias de fortalecimento, acolhimento e cuidado para e entre mulheres, promovendo ações no âmbito da saúde física e mental, educação, informação e assistência. O projeto de extensão, nesse sentido, objetiva potencializar as ações da MDQ colaborando na promoção da saúde integral e no fortalecimento da organização política das mulheres a partir das premissas do feminismo negro e da psicologia comunitária. Dessa forma, como alguns dos resultados obtidos temos a facilitação de encontros e oficinas; momentos de auto cuidado e atenção psicológica às lideranças comunitárias da MDQ; apoio a equipe de psicólogas da ColetivA, chamada “Gotas de Cuidado”; mapeamento dos equipamentos

¹ UFMG, paularitabacellargonzaga@gmail.com

² UFMG, karladecarvalho@yahoo.com.br

³ UFMG, kerenmartins223@gmail.com

⁴ UFMG, agnesouza55@gmail.com

⁵ Coletiva Mulheres Da Quebrada - BH, jessycacris2702@gmail.com

de políticas públicas que cobrem a região e, futuramente, material informativo dele; promoção de oficinas e informações sobre saúde sexual e reprodutiva da mulher, direitos das mulheres, racismo e antirracismo e acesso às políticas públicas. Neste sentido, essa proposta tem investido no compromisso social da universidade de potencializar a autonomia comunitária e a dissolução das desigualdades que estruturam a sociedade brasileira, além de possibilitar uma formação antirracista, feminista e decolonial para as extensionistas e mestrandas envolvidas no projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres da Quebrada, Feminismo Negro, Psicologia Social Comunitária

¹ UFMG, paularitabacellargonzaga@gmail.com

² UFMG, karladecarvalho@yahoo.com.br

³ UFMG, kerenmartins223@gmail.com

⁴ UFMG, agnesouza55@gmail.com

⁵ Coletiva Mulheres Da Quebrada - BH, jessycacris2702@gmail.com